



Expresso

23-06-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Cultura

Dimensão: 8453 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4/52 a 59

E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2382
23/JUNHO/2018



Paulo Coelho

Entrevista ao escritor
que mais livros vende em
língua portuguesa
Por João Miguel Salvador,
em Genebra

Os Kennedy e Portugal

JFK foi o Presidente americano mais amado pelo mundo. E a figura mais notável de um clã que, ao longo de três gerações, se cruzou com inúmeros portugueses. Estas são as histórias do professor de vela, dos mordomos, das relações com Salazar e da visita de Ted ao Expresso em 1974. Sem esquecer a lenda da quinta na Arrábida onde Jacqueline Onassis terá vivido. Por **Nelson Marques**

SUMÁRIO

EDIÇÃO 2382 | 23/JUNHO/2018



52

Paulo Coelho

Entrevista ao escritor que mais livros vendeu em língua portuguesa e que é seguido por milhões de pessoas em todo o mundo. Mas isso não fez dele um autor consensual

NIELS AKERMANN

+E

Entrevista
Paulo Coelho

É uma utopia achar que toda a gente tem de gostar de você”

É, de longe, o escritor que mais livros vendeu em língua portuguesa e é seguido por milhões de pessoas em todo o mundo, mas isso não faz dele um autor consensual. Recebeu o Expresso na própria casa para falar da autobiografia “Hippie” e da forma como olha o que o rodeia



POR JOÃO MIGUEL SALVADOR
ENVIADO A GENEBRA



Expresso

23-06-2018

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

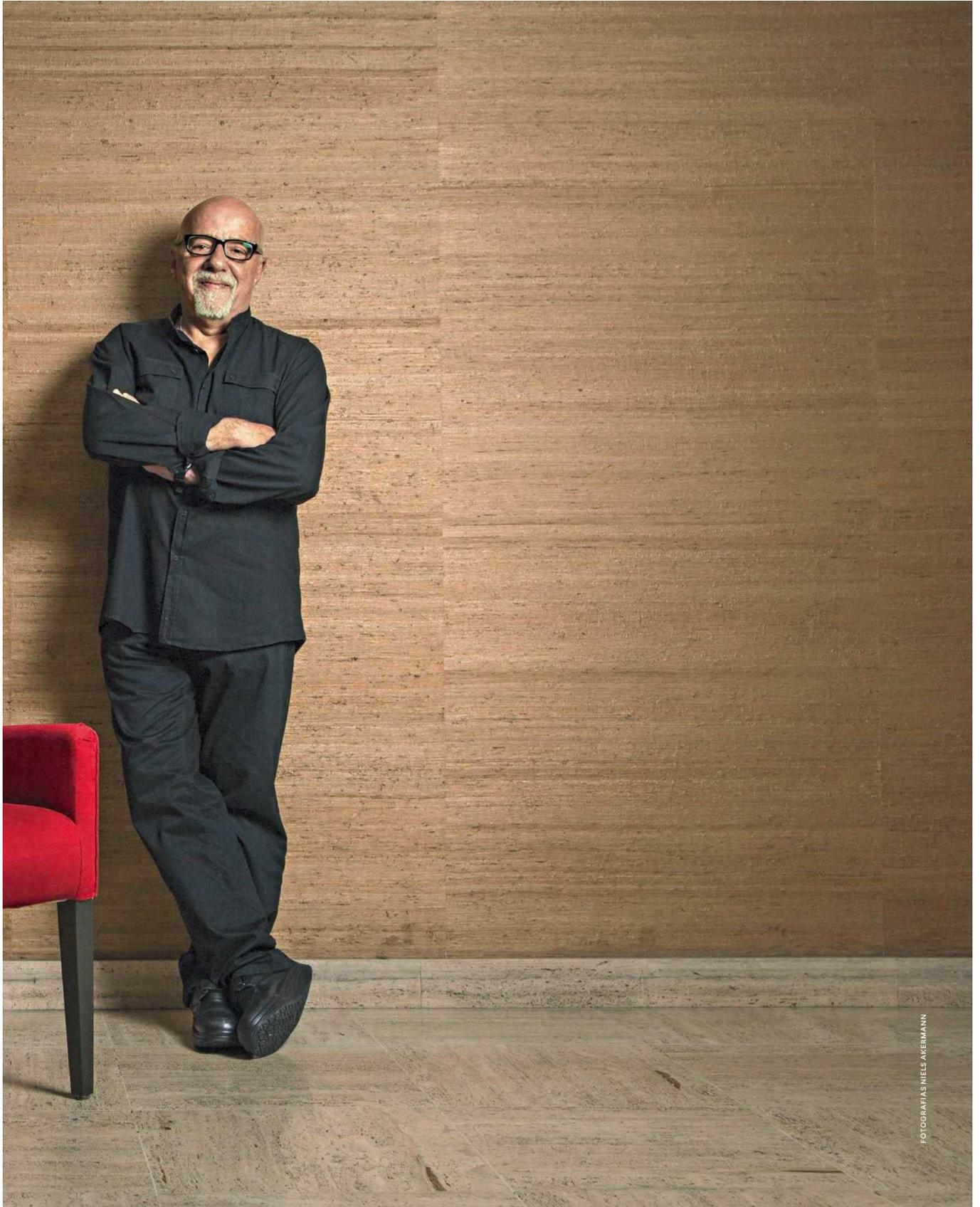
Tiragem: 131300

Temática: Cultura

Dimensão: 8453 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4/52 a 59



V

ive fora do centro, num condomínio de áreas amplas que não estaria ao dispor de qualquer um numa cidade tão cara como Genebra. Aliás, que estará ao alcance de muito poucos. Paulo Coelho sabe disso (e diz fazer a sua parte) e sabe há muito que a vida que tem é diferente da dos demais. Conhecido em todo o mundo e com uma fortuna ganha sobretudo com os livros — embora já tivesse acumulado riqueza com a escrita de canções para nomes como Elis Regina ou Rita Lee —, não cultiva o luxo e prefere viver num espaço mais simples do que à partida se suporia. No andar superior da casa reinam as paredes brancas e os móveis leves de design contemporâneo. Nas estantes, nuas, veem-se duas molduras digitais. Negras como a roupa que veste diariamente. O verde das plantas, que rodeiam toda a divisão envidraçada, traz a natureza de que tanto gosta para o interior do apartamento. É para ela que se vira quando, às 18 horas em ponto, pede para pararmos a entrevista por uns instantes. Será um dos seus períodos de meditação, a que se juntam, por exemplo, os passeios noturnos que faz na companhia da mulher. “Ainda ontem nos sentámos num lugar e fizemos meditação. Senti o cheiro da lavanda, o silêncio, vi as árvores. Que preço tem isso?”

Estava à espera que me recebesse numa casa cheia de livros, mas esta é uma sala bastante minimalista.

E lá em baixo também, você vai ver. Primeiro, porque tenho uma fundação aqui perto e os meus livros, os que eu escrevi, estão todos na fundação. E depois, essa ideia de ter um espaço cheio de livros... Eu vou terminar não relendo eles. É mais para

impressionar você, quem vem aqui... Como ele leu, como ele é intelectual, e não há necessidade.

Isso não lhe interessa?

Não, o que me interessa é ler. Eu leio todo o santo dia, mas leio sobretudo no *tablet*, porque leio mais em português e em inglês. E português aqui não tem livraria. Inglês tem, mas só daqueles livros que eu não tenho tanto interesse. Então sento-me, descarrego para o *tablet* e leio. E gosto muito assim. Aqui, em Genebra, havia muitas livrarias, mas só restam duas.

O que é que se passou?

O que se está passando no mundo inteiro. E o livro tem de se adaptar a uma nova realidade. E essa nova realidade inclui os livros na internet, onde estão muito bem. As pessoas escondem um pouquinho isso, mas quando eu quero um livro em português e o quero ler em formato físico, encontrando de Portugal, e passados dois dias está aqui. E a outra coisa é que o disco já veio percorrendo esse caminho. Eu já não vejo uma loja de discos, e na minha infância via muito. Você também. Houve um momento em que a música foi eliminada, mas aí inventaram um novo sistema, que vai desde o Spotify a comprar uma faixa só.

Não sente um certo saudosismo desses tempos?

Eu não sinto saudosismo de nada. Não sinto saudosismo da minha infância, da minha adolescência, de nada. Quando olho para trás é para falar de uma coisa que ainda é atual, como o “Hippie”.

Este “Hippie” é o seu livro mais autobiográfico, não é?

Em teoria, sim.

E na prática?

Também, embora eu tenha que condensar algumas coisas e mudar alguns nomes. É a minha história.

Mas não é a sua primeira autobiografia. Em 1991 escreveu outra, em que falava do seu amigo e cantor Raul Seixas, e que acabou por decidir destruir...

A minha mulher é que a leu e mandou destruir. Eu achei que ela tinha razão,



que as coisas negativas são muito sedutoras. Era um livro muito perigoso. Eu destruí e nunca mais escrevi [sobre isso].

Tinha sido tudo diferente se aquele livro tivesse sido editado?

Não sei, porque não vivo nessas possibilidades não vividas. Então não sei o que teria acontecido se o livro tivesse saído, mas não me arrependo da decisão. Hoje posso falar muito mais abertamente de droga, desse tipo de

coisas... Ainda para mais, eu estava falando de uma pessoa que já tinha morrido, então, não era muito justo.

E o que o fez pegar nesta parte da sua história agora?

Você vê um mundo muito polarizado. De um lado, um extremo politicamente correto, do outro, as pessoas estão meio namorando a extrema-direita. Não em Portugal, mas em geral. E disse para mim próprio, por amor de Deus, eu vivi uma fase



CASA Paulo Coelho foi fotografado no hall de entrada do condomínio em que vive, em Genebra

em que era de extrema-direita, mas a gente não era politicamente correta. A gente era uma terceira via, que escolhia por vontade própria, e não por obrigação, respeitar o corpo e viver a vida de uma maneira simples e intensa. Acho que o mote do *hippie* é não complicar.

Ir pelo lado mais simples.

Sim. E dizer: 'pera aí amigo, você não tem de comer alimento natural. Você põe porque você gosta'. Então vamos

voltar a um momento em que tudo isso fazia parte da vida. Era tudo natural. A roupa. A gente fazia a roupa. Me dá uma irritação quando vou nessas *boutiques* e vejo as calças rasgadas. Que coisa babaca, porra. Que coisa idiota. Isso das marcas [de uso] nos *jeans* tem que ter um sentido. Os *jeans* são uma invenção que vem com o movimento *hippie*, mas era a roupa dos operários. Muito resistente. Agora daí a você começar a rasgar, fazer isso, fazer aquilo, é muito artificial.

E hoje, acha que era possível viver assim como um hippie, ou é algo totalmente utópico?

É totalmente possível, tanto que eu acabei vivendo aqui em Genebra e tudo o que a gente faz é... O que é que eu fiz ontem, por exemplo? Eu saí de casa e fui andar na floresta com a minha mulher. Eu acho que andar na floresta é uma coisa tão especial, que te devolve o sentido da tua essência. E as pessoas apenas se afastam muito. Alguém me contou há pouco tempo

que hoje em dia as pessoas andam no Caminho de Santiago com o telefone assim, na frente da face.

Não foi esse percurso que fez, e que depois deu origem ao livro "O Diário de um Mago", deduzo.

Não, claro que não. Sabe, estar andando com o telefone assim, olhando só para o telefone, é não olhar para mais nada. Isso é um absurdo. Você não está mais ali, você está no lugar do seu telefone. Ou seja, está conversando

SIMPLICIDADE O escritor apresenta-se sempre vestido de preto integral, a cor das molduras digitais para ocupar as estantes de uma casa sem livros



“

Eu tenho 29 milhões e 500 mil seguidores no Facebook, mas a internet tornou-se uma caixa de ressonância daquilo que o homem tem de pior”

com o seu amigo na Cochinchina, no Uganda, não sei onde. Mas você perdeu o sentido do aqui e agora.

Potenciado pelas redes sociais?

As redes sociais já foram uma grande bênção para mim. Me permitiram entrar em contacto com os meus leitores. Eu tenho 29 milhões e 500 mil seguidores no Facebook e 16 milhões no Twitter, mas a internet tornou-se uma caixa de ressonância daquilo que o homem tem de pior, que é o seu anonimato. Então, ele acha que pode dizer qualquer coisa e pronto. Em qualquer caixa de comentários eu só vejo gente ofendendo, agredindo, xingando. São os chamados *trolls*. Antigamente tinha alguns, mas bloqueiei-os a todos.

Não vê essa atitude, de bloquear os trolls, como uma forma de censura?

Não é uma forma de censura. O cara não se identifica comigo. Ele vai lá para dizer mal. Nem leu o meu livro e já vai comentar? Então, meu amigo: passar bem. Não é censura, é estabelecer um limite.

E quando é a crítica que não gosta de um livro seu, o que é que sente?

Aí, é claro que é admissível. Eu sinto que aquela pessoa tem o direito de dar a opinião dela. E pronto.

Mas gostava que a crítica o compreendesse mais, ou isso não lhe interessa?

Não. E aí sim, é uma utopia achar que toda a gente tem de gostar de você. Quem tem de gostar de você é quem gosta de você, quem te entende ou comunga dos mesmos valores. Ou quem entende que escrever de uma maneira simples não é necessariamente superficial. Você pode ir fundo na alma de uma pessoa através de palavras simples.

É esse o segredo dos seus livros? A simplicidade da escrita?

Eu acho que é, mas não é só isso. Vai mais além. Eu acho que o sucesso não tem nenhuma explicação. Foi orgânico, natural. Ontem à noite, um amigo estava jantando em Goa e tinham todos os meus livros lá. Você vai ao Nepal e lá existem todos os meus livros. Você vai ao sul da Índia, a Caxemira... Então, o que é que pode fazer isto ocorrer? O boca a boca. Vocês têm essa expressão em Portugal? O boca a boca?

Sim, mas o Paulo também fez com que esse sucesso crescesse. Logo no início, quando distribuía aqueles pequenos panfletos sobre os seus livros.

No Brasil sim, até porque não tinha como fazer no resto do mundo. Mas o leitor brasileiro gostou, recomendou...

Sente que essa forma de promover o seu trabalho mudou o mercado brasileiro?

Sim, mudou, e eles aceitam isso. Para mim o livro era muito importante. Era a minha verdade, o meu sonho. Eu não podia escrever um livro e me afastar do mundo, ir para a minha torre de marfim.

Essa é a diferença que tem em relação a outros autores?

Eu não sei, porque acho que existem outros que também fazem isto. Mas ali, naquela época de 1988, o escritor se considerava um ser superior, uma entidade acima do bem, do mal e do povo. Era muito fascista. E aí eu decidi lutar pelo meu trabalho, que é tão importante como o daquele que tem uma pastelaria ou uma loja.

Durante quanto tempo ficou com aquela frase da sua mãe, “Meu filho, só existe um Jorge Amado”, na cabeça?

Bom, eu lhe disse que se existe Jorge Amado tem espaço [também para mim]. Aí, quando eu conheci o Jorge Amado, que era o único escritor que teria todo o direito a ter ciúme, foi o único escritor que me apoiou desde o início. Foi, inclusive, receber um prémio para mim. Sempre falou bem de mim e é uma pessoa a quem eu tenho muita gratidão. Em vez de ver o seu reino ameaçado...

Deu-lhe as boas-vindas.

Exato. E olhe que tenho as cartas dele todas guardadas num sítio muito especial. Cada vez que ele dava uma entrevista a meu respeito, a meu favor, me escrevia porque tinha medo que o jornalista deturpasse as palavras.

Acontecia muito?

Que me lembre não aconteceu, e não devia acontecer porque era muito arriscado. Podia pegar um pedacinho e usar aquele pedacinho e não publicar o resto. Por exemplo, eu dei uma entrevista a uma das maiores rádios francesas e foi diferida hoje de manhã. Só que o título da matéria não tem nada que ver com o livro. Diz: “Eu provei todas as drogas do meu tempo.” As pessoas leem só o título e acham que eu estou falando de droga, mas não leem a matéria. Essa coisa não faz muito sentido...

Como é que lida com estas questões?

Fica chateado?

Não. Eu sou uma pessoa que se chateia com pouquíssimas coisas, e nada relacionado com trabalho. Me chateio com a situação atual, a passividade das pessoas, esse ciberativismo... Todo o mundo acha que está apoiando o problema que está acontecendo nesse momento. Aí dá o clique, xinga, faz um abaixo-assinado, mas não adianta nada. “Ah, os refugiados, coitados.” Vão ajudar! Eu já fui convidado para ir, com os Médicos Sem Fronteiras, mas depois não foi possível por um problema com a embarcação.

É importante que as personalidades se associem a causas?

Depende. Não é obrigatório. Tem gente que é muito boa cantando e basta

isso, porque aquela música me leva a lugares que eu não conhecia antes. Por exemplo, os Beatles, logo no começo, eles não falavam nada. Aliás, eu acho que eles nunca falaram nada. Aí o Lennon começou a se posicionar, depois de eles se separarem. Mas os Beatles foram uma transformação na minha vida, sem dizerem nada. Só a letra da música.

O que é que eles o fizeram sentir nessa altura?

Senti, ‘puxa, eu não estou sozinho’. E um dos papéis da arte é mostrar que você não está sozinho. Quando os Beatles começaram, mostraram que eu não estava sozinho. E que a vida não era só Marx.

Que havia mais além do marxismo...

Sim. E que Marx era uma pessoa muito bem intencionada, mas que o comunismo era um desastre.

Como é que se enfrenta essa realidade, numa altura em que o Brasil vivia uma ditadura militar. Não parece um ideal?

Parece, até que você resolve viajar. E quando você viaja... Eu cheguei a Berlim e notei que o Muro era vigiado só de um lado — então alguma coisa já está meia errada. Depois atravessei o Muro, pela Friedrichstraße. Fui da RDA (República Democrática Alemã) até à Roménia e vi com os meus próprios olhos que aquele ideal era só a nomenclatura. Havia a superclasse e as pessoas que estavam ali... Não era como o Marx falou.

E essas superclasses mantêm-se?

Na Rússia?

Em todo o mundo.

Sim, claro. Mantém-se e estão cada vez mais fortes. Está chegando a um ponto em que vai ficar difícil explicar que existem outras pessoas. A Fundação Einstein escolheu cem visionários para pensarem sobre o que seria o mundo no futuro, e eu, que também fui convidado, escrevi que as cidades vão ser abandonadas. As pessoas da superclasse vão viver em condomínios fechados e eles, que são os opressores, acabam sendo os oprimidos. Já não poderão sair dali.

E como é que isso pode ser evitado?
Sinceramente, não tenho a solução, mas acho que você tem de dizer que a vida não é isso que as pessoas nos venderam. As pessoas dizem que é importantíssimo o intelectual ter livros, o não sei quê tem que ter o carro tal, a moda tem que ser tal. Eu ainda sou um hippie na minha alma. Quanto mais puder simplificar, melhor. De que vai adiantar um livro na minha estante? Vou acabar por o mandar para uma biblioteca, para África, se for em português, francês ou inglês. E os meus contratos hoje em dia têm essa cláusula.

Qual cláusula?
Nos meus contratos atuais, quatro por cento da edição será para países africanos. Eu até mostro fotos de Angola e de Moçambique, onde os caras estão lendo lá o meu livro. Para isso, eu tenho que pagar um distribuidor e dar de graça. É a minha obrigação social.

E o Paulo ainda continua a ir ao Fórum Económico Mundial?

Eu não fui nos últimos dois anos, mas estive almoçando com o Klaus [Schwab], que é o fundador de Davos, há duas semanas. Pedi-me para eu ir [em 2019], e talvez vá. É um lugar que acho que pode ser importante. Você não vai conscientizar ninguém. A utopia é que você pode mudar o pensamento das pessoas. Não pode. Ou a pessoa aprende, por acumulação de conhecimento lendo e estudando, ou por epifania. Por exemplo, no meio do bosque, como ontem. A minha mulher estava de sandálias, então não queria entrar muito, muito, muito — embora eu nunca tenha visto nenhuma cobra aqui na Suíça. Mas é perigoso porque pode ter uns bichos que machuquem... Aí, você para ali naquele momento e “entende o universo”. É consciente? Não. Mas você sabe que tudo tem uma razão. É isso que conta.

Aprende-se tanto em Davos como no bosque?

Sem dúvida. Conhecimentos diferentes, mas aprende-se. As pessoas que vão a Davos, apesar de serem muito demonizadas, não são bem assim. Elas também estão em busca de responder à pergunta da Esfinge: o que é que eu estou fazendo aqui?

O que é que o motiva a ir ao próximo encontro de Davos?

Quando almocei com o Klaus notei que para ele aquilo é uma coisa importante e as vezes que fui pude dar uma colaboração importante. Não vou ensinar quem já sabe, mas vou pelo menos mostrar que há muito mais entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia. E elas estão abertas para isso. Não sei como elas são nos lugares onde trabalham, mas como lá existe uma igualdade, deixa-se de lado a barreira.

E como é que o Paulo vive agora a sua espiritualidade, depois de já ter tido vários credos tão diferentes?

Eu terminei voltando ao começo, faz anos. Voltei ao catolicismo, que está no meu sangue, porra. Eu estudei num Colégio Jesuíta, que na época em que você está estudando é péssimo, mas depois você aprende a disciplina e os valores. E São Paulo diz uma coisa em latim que é muito verdadeira: “*Sic transit gloria mundi*”, a glória do mundo é transitória. Ontem a gente estava com um casal de jovens que não conhecia a ‘Garota de Ipanema’. E eu que pensava que fosse conhecida no mundo inteiro...

Mas o Caminho de Santiago foi o seu ponto de viragem.

Foi o meu *turning point*, sim. Pensei que não podia ficar sonhando ser um escritor. Eu tenho de escrever se quero ser um escritor. Eu fazia letras de música, ganhei bastante dinheiro e não

precisava de trabalhar mais. Podia viajar o tempo que eu quisesse, a vida inteira. Mas quando cheguei a Santiago de Compostela senti que era agora ou nunca. Estava com quase 40 anos, mas em momento algum pensei ser tarde para começar a vida. A vida que você sonha começa quando você decide. Voltei para o Rio e escrevi sobre a minha peregrinação, achando que ninguém se ia interessar. Se funcionar, funcionou. Se não funcionar, não funcionou.

Continua a pensar assim?

Ocorre com todos os meus livros. Não fico pensando se o meu leitor vai gostar ou não. Eu tenho, até dezembro de 2016, 220 milhões de livros vendidos. E isto significa mais de 600 milhões de leitores, porque cada livro é lido por três ou quatro pessoas. E depois tem a pirataria, que eu estímulo.

Facilita?

Sim. Eu tenho até um *site*, que se chama “piratecoelho”. Como eu não sou dono das traduções — a editora é que é dona da tradução —, eu pego na internet as traduções e junto tudo. Isto é para vocês lerem. Tem gente que não tem condições financeiras de comprar um livro.

Prefere ser lido assim do que não ser lido de todo?

Qualquer escritor prefere ser lido.

E quando oferece, ganha novos leitores?

Ganho, muito. E descobri isso na Rússia. Publicaram o meu livro e vendeu três mil exemplares, mas depois não vendeu mais. Aí a minha agente foi lá para procurar uma nova editora, achou e conseguiram vender 10 mil. Mas houve uma crise de papel e aí eu achei na internet “O Alquimista” pirateado. Sei que no ano seguinte foi para 100 mil e em dois anos já estava com um milhão de livros vendidos. Nos países árabes é o que dá. Por exemplo, no Brasil os meus livros também são muito caros. Tem que dar um desconto significativo.

O preço da cultura é também uma forma de opressão?

Sem dúvida, sobretudo no Brasil que é um país que tem menos livrarias do que Buenos Aires, uma cidade apenas no país ao lado. O pobre não tem dinheiro, então é preciso um desconto



Eu ainda sou um hippie na minha alma. Quanto mais puder simplificar, melhor. De que vai adiantar um livro na minha estante?”

“

Se acontecer outra vez, se a ditadura regressar, volto para o Brasil no dia seguinte para lutar contra ela. Porque isso é inaceitável”

considerável. Mas não querem, porque depois dizem que só pobre lê Paulo Coelho. Que bom seria, no entanto, não é verdade, eu tenho leitores em todas as classes sociais. É um argumento muito frágil para me convencer de que o preço está bem. Não está. Está caro para o Brasil.

E como vê a situação brasileira hoje?

O Brasil vive um momento muito complicado. E as pessoas não veem. Ouvem o 'salvador da pátria', que é perigosíssimo. Aquela pessoa que chega e diz que vai botar tudo em ordem. Isso não existe. Eu não sei o que pode acontecer, mas a tendência é muito negativa. Os brasileiros estão indo muito para Portugal, pois estão com medo de perder as suas coisas.

Há o perigo de se assistir a uma escalada de violência?

Quer dizer, já entrou nessa violência, nessa polarização. Agora, como

a gente vai sair disso, não sei. Não quero ser nem otimista, que a gente vai achar um jeito, nem pessimista e dizer que vamos para uma ditadura militar.

Uma situação que o Paulo já viveu.

Já vivi e já sofri. Se acontecer outra vez, se a ditadura regressar, volto

para o Brasil no dia seguinte para lutar contra ela. Porque isso é inaceitável. E você vê que todos os governos agora, que estão sendo eleitos, estão indo muito para o lado da extrema-direita. Itália, Hungria, Polónia, Eslovénia. Parece que o povo acha que é só a mando militar é que se ergue. E não é. Que horror! Eu sou membro

da Amnistia Internacional, que claro não pode fazer muita coisa além de denunciar, e sou um dos 12 mensageiros da paz das Nações Unidas, mas também estão muito limitados... O que é se pode fazer? Vamos todos para Portugal? ●

jmsalvador@expresso.impresa.pt